

FERNANDO PESSOA E A LITERATURA INGLESA

FERNANDO PESSOA AND ENGLISH LITERATURE

*Cláudia Franco Souza**

Universidade de São Paulo

RESUMO: Neste artigo pretendemos demonstrar, através da análise de textos, notas de leitura e projetos (no espólio pessoano encontramos muitas listas de projetos que Pessoa pensava em realizar), a importância da literatura inglesa na construção literária da obra pessoana. Como Pessoa foi um leitor intenso, o recorte deste texto contemplará quatro autores ingleses: Shakespeare, Milton, Byron e Shelley.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Pessoa. Literatura inglesa. Shakespeare. Milton. Shelley. Byron

ABSTRACT: In this article we intend to demonstrate, through the analysis of texts, reading notes and projects, the importance of English literature in Pessoa's literary creation. Pessoa was an intensive reader and our research will focus on four English authors: Shakespeare, Milton, Byron and Shelley.

KEYWORDS: Fernando Pessoa. English literature. Shakespeare. Milton. Shelley. Byron.

* Especialista no espólio de Fernando Pessoa, publicou diversos livros, capítulos de livros e artigos sobre a obra literária pessoana no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos. Atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) financiada pela FAPESP (Processo nº2013/05665-0). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: claudiasouzza@hotmail.com

FERNANDO PESSOA E A LITERATURA INGLESA

The artist must be born beautiful and elegant; for he that worships beauty must not be unfair himself. And it is assuredly a terrible pain for an artist to find not at all in himself that which he strives for. Who, looking at the portrait of Shelley, of Keats, of Byron, of Milton and of Poe, can wonder that these were poets. All were beautiful, all were beloved and admired, all had in love warmth of land heavenly joy, as far as any poet, or indeed any man can have¹.

Vieira.

*O seu conhecimento angélico da língua portuguesa.
Shakespeare escreve como um anjo caído; Vieira como um homem divinizado,
e de Milton se pode dizer a mesma coisa.
Shakespeare escreve como um deus carnal (a carnal god)².*

¹ PESSOA, 1966, p.119.

² PESSOA, 1993, p. 240.

Fernando Pessoa foi alfabetizado em língua inglesa³ e esse fato foi de fundamental importância, pois grande parte do seu espólio (que reside atualmente na Biblioteca Nacional de Portugal) encontra-se escrito em língua inglesa. Para além disto, é relevante também o número de livros lidos por Pessoa em inglês e o seu interesse pela literatura inglesa⁴.

Como Pessoa foi um leitor intenso, precisamos delimitar o corpus deste artigo. Escolhemos quatro autores de língua inglesa lidos pelo autor português: Shakespeare, Milton, Byron e Shelley. A escolha justifica-se porque em muitos textos do espólio esses autores encontram-se agrupados: este é o caso das duas epígrafes citadas, pois, na primeira Pessoa faz referência a Shelley, Milton e Byron e, na segunda, a Shakespeare e Milton.

Na biblioteca particular de Pessoa encontramos três livros de Shakespeare e um sobre esse autor⁵, um livro com a obra de Shelley e outro sobre esse autor⁶, um exemplar das obras completas de Milton⁷, dois livros com a obra de Byron e uma biografia deste autor.⁸ O nome de Alexander Search, personalidade literária⁹ pessoana, que escrevia em inglês, aparece na contracapa do livro de Shelley, é ele, e não Pessoa, o leitor deste livro. A assinatura de Search aparece no livro *The complete poetical works of Shelley*. Alexander Search pertence ao período pré-heteronímico da obra pessoana, antes de 1914. Alexander Search deixou no espólio um caderno com anotações de leitura. Essa personalidade dialoga com outro eu pessoano, Charles Robert Anon e possui a seguinte ficha biográfica e lista de tarefas¹⁰:

³ Fernando Pessoa morou com a família em Durban, na África do Sul, nos anos 1896-1905, quando retornou definitivamente para Lisboa.

⁴ A biblioteca pessoal de Fernando Pessoa encontra-se online no site: <http://casafernando-pessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/index/index.htm>

⁵ (SHAKESPEARE, 1908, 1921, s/d). (DEMBLON, 1913).

⁶ (SHELLEY, 1904). (DOWDEN, 1896).

⁷ (MILTON, s.d).

⁸ (BYRON, 1905). Séché [1907?]. (FITZGERALD, 1894).

⁹ No espólio de Fernando Pessoa encontramos textos assinados por outros nomes, que aqui designamos de personalidades literárias. Personalidades literárias são todos os outros eus pessoanos que assumem tarefas na obra literária do autor português. Alexander Search é um exemplo de personalidade literária.

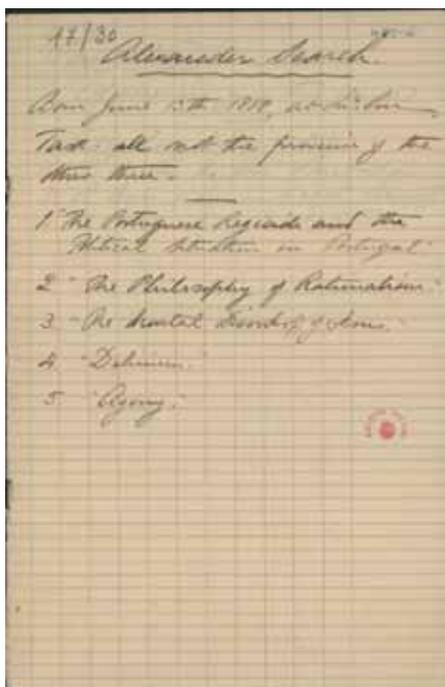
¹⁰ Quando necessário utilizaremos neste artigo documentos do espólio pessoano. Agradecemos aqui a Biblioteca Nacional de Portugal que nos disponibilizou os documentos aqui transcritos, mantendo a ortografia original do texto.

Alexander Search

Born June 13th 1888, at Lisbon.

Task: all not the province of the other three

1. "The Portuguese Regicide and the Political Situation in Portugal".
2. "The philosophy of Rationalism"
3. "The Mental Disorder of Jesus".
4. "Delirium".
5. "Agony".¹¹



O documento acima faz parte de um caderno intitulado *The Transformation Book*¹², onde estão presentes outras personalidades literárias pessoais.

¹¹ [BNP/E3-48C-2]

¹² Projeto publicado em Nova York por Cláudia Souza e Nuno Ribeiro (Cf. PESSOA, 2014).

Alexander Search¹³, de acordo com o documento, possui uma proximidade com Pessoa, nasceu no mesmo dia e ano que seu criador. É um fato muito importante a presença de Search enquanto leitor, pois demonstra como a questão da fragmentação do eu pessoano se relaciona com as leituras de Shelley. Através do documento acima e da assinatura de Search no livro de Shelley, percebemos a complexidade deste pré-heterônimo pessoano. Se por um lado, Search possui tarefas (como comprova documento, Search escreveria em prosa e poesia), ele também aumentava o seu saber através de leituras¹⁴, como comprova a sua assinatura no livro de Shelley.

Pensando ainda neste aspecto da despersonalização pessoana faz-se necessário destacar como a absorção da dramaturgia shakespeariana vai transbordar em textos nos quais Pessoa tenta explicar a sua multiplicidade. Em uma carta de Pessoa para Armando Côrtes-Rodrigues, datada de 1915, encontramos referência ao *Rei Lear* em relação à obra de Caeiro-Reis-Campos:

Mantenho, é claro, o meu propósito de lançar pseudonicamente a obra Caeiro-Reis-Campos. Isso é toda uma literatura que eu criei e vivi, que é sincera, porque é sentida, e que constitui uma corrente com influência possível, benéfica incontestavelmente, nas almas dos outros. O que eu chamo literatura insincera não é aquela análoga à do Alberto Caeiro, do Ricardo Reis ou do Álvaro de Campos (o seu homem, este último, o da poesia sobre a tarde e a noite). Isso é sentido na pessoa de outro; é escrito dramaticamente, mas é sincero (no meu grave sentido da palavra) como é sincero o que diz o Rei Lear, que não é Shakespeare, mas uma criação dele. Chamo insinceras às coisas feitas para fazer pasmar, e às coisas, também — repare nisto, que é

¹³ Sobre esse assunto ver (SOUZA; RIBEIRO, 2012) “Charles Robert Anon & Alexander Search: Filosofia e Psiquiatria”, que discute os documentos do espólio destas duas personalidades e a relação que havia entre elas.

¹⁴ No livro *The Transformantion Book or Book of Tasks* (PESSOA, 2014), exploramos toda a amplitude deste pré-heterônimo e publicamos grande parte de seus projetos presentes no espólio pessoano.

importante — que não contém uma fundamental ideia metafísica, isto é, por onde não passa, ainda que como um vento uma noção da gravidade e do mistério da Vida. Por isso é sério tudo o que escrevi sob os nomes de Caeiro, Reis, Álvaro de Campos. Em qualquer destes pus um profundo conceito da vida, diverso em todos três, mas em todos gravemente atento à importância misteriosa de existir
(PESSOA, 1985, p.43)

Caeiro-Reis-Campos fazem parte de um *drama em gente*¹⁵, tão sincero como o que diz o *Rei Lear*. A relação entre a dramaturgia de Shakespeare e a heteronímia pessoana é um ponto central para se entender a construção dos alicerces que sustentam de forma literária os outros eus do poeta português. Em outro documento, Pessoa chama a atenção para o poder de “impersonalização” na obra de Shakespeare:

Mas curioso, ainda, é o caso de Shakespeare. As virtudes supremas de Shakespeare são o poder da impersonalização, de se consubstanciar com a alma de qualquer personagem que inventasse ou adaptasse e a animar com uma vida íntima completa; a compreensão profunda dos estados trágicos[sic] da vida – a paixão intensa, a perturbação profunda, a loucura; e o poder, por ninguém igualado, de dicção pelo qual a coisa mais

¹⁵ Em Dezembro de 1928 no número 17 da revista *Presença*, foi publicada a tábua bibliográfica pessoana e neste texto Pessoa afirma que a elaboração da obra dos seus heterônimos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos) constituiu um *drama em gente, em vez de um drama em actos*, como atesta a seguinte passagem: “As obras destes três poetas formam, como se disse, um conjunto dramático; e está devidamente estudada a entreação intelectual das personalidades, assim como as suas próprias relações pessoais. Tudo isto constará de biografias a fazer, acompanhadas, quando se publicarem, de horóscopos e, talvez, de fotografias. É um drama em gente, em vez de em actos. (Se estas três individualidades são mais ou menos reais que o próprio Fernando Pessoa — é problema metafísico, que este, ausente do segredo dos Deuses, e ignorando portanto o que seja realidade, nunca poderá resolver”). (PESSOA, 1928, p.10).

simples é transmutada, em frases inconcebíveis antes de vistas, em qualquer coisa de outro mundo e um entendimento que não é o humano¹⁶.

Podemos perceber neste texto toda a admiração de Pessoa pela obra de Shakespeare. Se estivéssemos nos referindo “apenas” a um crítico literário (que Pessoa também foi) a relação entre a obra de Shakespeare e Pessoa teria encontrado aqui o seu limite; ocorre que Pessoa, assim como Shakespeare, também tece a sua obra e neste tecer a influência do dramaturgo inglês faz-se presente de maneira marcante. Pessoa vai aproveitar a densidade dramática encontrada na obra shakespeariana na estruturação do caráter dramático da sua obra, que além de contar com uma parte em poesia e outra em prosa, conta também com o *drama em gente*, ou seja, com a criação de outros eus, que se relacionam entre si. A utilização da palavra impersonalização no documento acima, se aproxima do verbo *impersonate*, fingir ser outra pessoa, representar. Faz-se necessário analisar aqui outro texto no qual Pessoa discute os graus da poesia lírica, dando ênfase a dramaturgia shakespeariana e o seu caráter de despersonalização:

O primeiro grau da poesia lírica é aquele em que o poeta, de temperamento intenso e emotivo, exprime espontânea ou reflectidamente esse temperamento e essas emoções. É o tipo mais vulgar do poeta lírico; é também o de menos mérito, como tipo. A intensidade da emoção procede, em geral, da unidade do temperamento; e assim este tipo de poeta lírico é em geral monocórdio, e os seus poemas giram em torno de determinado número, em geral pequeno, de emoções. Por isso, neste género de poetas, é vulgar dizer-se, porque com razão se nota que um é “um poeta do amor”, outro “um poeta da saudade”, um terceiro “um poeta da tristeza”.

¹⁶ [BNP/E3-76^a-36]

O segundo grau da poesia lírica é aquele em que o poeta, por mais intelectual ou imaginativo, pode ser mesmo que só por mais culto, não tem já a simplicidade de emoções, ou a limitação delas, que distingue o poeta do primeiro grau. Este será também tipicamente um poeta lírico, no sentido vulgar do termo, mas já não será um poeta monocórdio. Os seus poemas abrangem assuntos diversos, unificando-os todavia o temperamento e o estilo. Sendo variado nos tipos de emoção, não o será na maneira de sentir. Assim um Swinburne, tão monocórdio no temperamento e no estilo, pode contudo escrever com igual relevo um poema de amor, uma elegia mórbida, um poema revolucionário.

O terceiro grau da poesia lírica é aquele em que o poeta, ainda mais intelectual, começa a despersonalizar-se, a sentir, não já porque sente, mas porque pensa que sente; a sentir estados de alma que realmente não tem, simplesmente porque os compreende. Estamos na antecâmara da poesia dramática, na sua essência íntima. O temperamento do poeta, seja qual for, está dissolvido pela inteligência. A sua obra será unificada só pelo estilo, último reduto da sua unidade espiritual, da sua coexistência consigo mesmo. Assim é Tennyson, escrevendo por igual “Ulysses” e “The Lady of Shalott”, assim, e mais, é Browning, escrevendo o que chamou “poemas dramáticos”, que não são dialogados, mas monólogos revelando almas diversas, com que o poeta não tem identidade, não a pretende ter e muitas vezes não a quer ter.

O quarto grau da poesia lírica é aquele, muito mais raro, em que o poeta, mais intelectual ainda mas igualmente imaginativo, entra em plena despersonalização. Não só sente, mas vive, os estados de alma que não tem directamente. Em grande número de casos, cai-

rá na poesia dramática, propriamente dita, como fez Shakespeare, poeta substancialmente lírico erguido a dramático pelo espantoso grau de despersonalização que atingiu. Num ou noutro caso continuará sendo, embora dramaticamente, poeta lírico. É esse o caso de Browning, etc. (ut supra) Nem já o estilo define a unidade do homem: só o que no estilo há de intelectual a denota. Assim é em Shakespeare, em quem o relevo inesperado da frase, a subtileza e a complexidade do dizer, são a única coisa que aproxima o falar de Hamlet do Rei Lear, o de Falstaff do de Lady Macbeth. E assim é Browning através dos “Men and Women” e dos “Dramatic Poems”.

Suponhamos, porém, que o poeta, evitando sempre a poesia dramática, externamente tal, avança ainda um passo na escala da despersonalização. Certos estados de alma, pensados e não sentidos, sentidos imaginativamente e por isso vividos, tenderão a definir para ele uma pessoa fictícia que os sentisse sinceramente. (PESSOA, 1966, p. 67)

Percebemos que neste texto, Pessoa chama a atenção, mais uma, vez para o caráter de despersonalização de Shakespeare. O poeta, como Shakespeare, tem a capacidade de atingir certos estados de alma a partir do intelecto e não da sensação. Ou seja, a sua construção poética torna-se dramática porque a matéria-prima desta poesia não é o sentimento, mas a imaginação, que faz com que o poeta viva certos estados da alma. E o final do texto parece se referir diretamente à questão da heteronímia: “Certos estados de alma, pensados e não sentidos, sentidos imaginativamente e por isso vividos, tenderão a definir para ele uma pessoa fictícia que os sentisse sinceramente”. Foi exatamente o que Pessoa realizou em sua obra literária, a sua despersonalização atingiu uma escala superior a que Shakespeare atingiu. A imaginação fruto da capacidade intelectual, cria uma despersonalização que não aparece apenas na poesia, mas numa pessoa fictícia, num outro eu.

Neste texto percebemos de forma clara, como a leitura e a análise da obra de Shakespeare foram importantes para Pessoa explicar o seu processo de despersonalização.

Se a influência de Shakespeare é fundamental no processo de heteronímia por um lado, por outro lado, encontramos os nomes de Shelley, Byron e Milton em textos de algumas personalidades literárias.¹⁷ Num poema de Álvaro de Campos, intitulado “Apostila”, existe a seguinte referência a Milton:

Aproveitar o tempo!
Mas o que é o tempo, que eu o aproveite?
Aproveitar o tempo!
Nenhum dia sem linha...
O trabalho honesto e superior...
O trabalho à Virgílio, à Milton...
Mas é tão difícil ser honesto ou superior!
É tão pouco provável ser Milton ou ser Virgílio!
Aproveitar o tempo!
Tirar da alma os bocados precisos — nem mais nem menos¹⁸ —

Pessoa coloca Milton e Virgílio num mesmo patamar, que, segundo o poema, estaria acima das possibilidades do eu lírico (*É tão pouco provável ser Milton ou ser Virgílio!*). Esse poema revela três fatos importantes: o primeiro é a admiração pessoana pela obra de Milton; o segundo é a utilização da leitura da obra de Milton como material na sua construção literária; e o terceiro é a relação entre a obra de Milton e a heteronímia pessoana, já que o texto é de autoria de Campos. É interessante perceber, que assim como Alexander Search foi leitor de Shelley, Campos, (novamente outro eu pessoano), vai dialogar com a obra de Milton. É Álvaro de Campos que assina o

¹⁷ Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro são três personalidades literárias pessoanas. Possuem uma biografia, estilo próprio e foram nomeadas por Pessoa de heterônimos. Para além de Caeiro, Campos e Reis, nenhum outro eu pessoano recebeu do autor português o título de heterônimo. Sendo assim, respeitamos os documentos pessoanos e consideramos Caeiro, Campos e Reis, personalidades literárias e heterônimos.

¹⁸ [BNP/E3-70-36].

poema e coloca o eu-lírico em contato com o trabalho literário de Milton. A leitura e admiração que Pessoa nutria pela literatura de Milton, irá transbordar no seu processo de criação literária. Em seu laboratório literário, Pessoa mistura leituras e outros eus, transforma o seu saber na construção do saber de outro, no caso de Campos, que toma o pincel das mãos do seu criador e ao desenhar seu poema transporta a superioridade de Milton, que figura ao lado de Virgílio. O nome de Milton aparece também em uma lista, num projeto pertencente a António Mora, não publicado em vida, cujo título é “Milton superior a Shakespeare”:

ATHENA - Cadernos de Reconstrução Pagã.
Cada caderno de 64 a 128 páginas. Preço: 300 reis (?)
Director: Antonio Móra. Publicação irregular.

Primeiro Caderno:

Prefacio - Antonio Móra.
Guardador de Rebanhos - Poemas - Alberto Caeiro.
Odes - Liv. I e II. - Ricardo Reis.
O Regresso dos Deuses - Estudo - Antonio Móra.

Segundo Caderno:

Introdução ao Estudo da Metaphysica - Antonio Móra.

Terceiro Caderno:

O Pastor Amoroso - Poemas - Alberto Caeiro.
Odes - Liv.III. - Ricardo Reis.
Milton superior a Shakespeare - Antonio Móra.

Quarto Caderno:

Ensaio sobre a Disciplina - Antonio Móra.¹⁹

¹⁹ [BNP/E3-48G-33]



Antônio Mora exercerá um importante papel no diálogo entre Alberto Caiero, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Mora, assim como Reis, Campos e Caiero, fará parte da composição deste *drama em gente* pessoano. Essa personalidade escreveu em prosa e formava, ao lado de Pessoa, Reis e Caiero um contraponto com Campos, como podemos constatar em um trecho de um projeto inacabado intitulado *Notas para a recordação do meu Mestre Caiero*, assinado por Álvaro de Campos:

Maravilho-me da doutrina de Antonio Mora, e dicor-
do d'ella com um gesto delicado de afastamento. O mal
d'estes homens todos – o do Ricardo Reis, do Antonio
Mora, do Fernando Pessoa, sim, porque sinto outsi-
de idolatry, do meu mestre Caiero também – é que
so veem a realidade. Diversamente todos a veem com
clareza; todos são objectivistas, até Fernando Pessoa.
Mas eu não vejo a realidade – palpo-a. Por isso elles
são mais ou menos declaradamente, polytheistas, e eu
sou monotheista²⁰ (...)

²⁰ [BNP/E3-71^a-27]

Esse fragmento mostra como Mora participava do diálogo entre Caetano de Almeida, Campos e Reis. Apesar de não ter uma biografia como os heterônimos, cumpria um papel importante na construção deste drama em gente. Mora seria um dos responsáveis pelo projeto do paganismo, como podemos perceber no documento [BNP/E3-48G-33] e assinaria também o texto sobre Milton e Shakespeare. Porém, em outra lista, seria Ricardo Reis o responsável por este texto:

RR

I. A Indisciplina Moderna.

((1) A I. filosófica. (2) A ind. estética. (3) a I. moral²¹)

II. Estudos neoclássicos.

O princípio clássico.

A tragédia grega superior á tragédia moderna.

Milton superior a Shakespeare.

Teoria do neo-classicismo científico.

Marcha fúnebre do Cristianismo.

A arte moderna produto de masturbação.²²

É interessante perceber a mobilidade da criação literária pessoana, já que um mesmo projeto no espólio é muitas vezes assinado por mais de uma personalidade literária. Existe também uma relação próxima entre António Mora e Ricardo Reis, outros projetos do espólio são assinados por ambos em diferentes fases.

Em outro importante documento, intitulado “Os três gêneros de artistas”, encontramos referência a Shelley, Byron e Milton:

OS 3 GÊNEROS DE ARTISTAS.

1. O artista para quem a arte é uma necessidade como que física, directa, como são a de comer e a de beber. Para este a arte é uma função da vida.

²¹ Variante sobreposta: *social*.

²² [BNP/E3-76-61]

2. O artista para quem a arte é um refúgio, um modo de esquecer a vida; como um narcótico, um vício qualquer, um álcool.

3. O artista para quem a arte é uma tarefa, uma missão a cumprir.

Do 1.º género são homens como Shelley, Byron - como o «romântico», em geral.

Do 2.º género são homens como Verlaine, Baudelaire, e outros assim (incluir Maupassant).

Do 3.º grupo são os grandes criadores como Milton.²³

Pessoa se interessou pelo romantismo inglês, como vimos nos livros encontrados em sua biblioteca particular e também no documento citado. As obras de Shelley e Byron são importantes referências ao romantismo inglês para Pessoa, como comprovamos neste documento. Chama a atenção do estudioso também a categorização dos artistas e a colocação de Milton como aquele para quem a arte é uma tarefa. A relação entre Pessoa e a literatura inglesa é relevante porque as leituras realizadas por Pessoa sobre Shakespeare, Milton, Byron e Shelley transformam-se em matéria prima na construção literária pessoana, como pudemos comprovar com os documentos citados ao longo deste artigo.

REFERÊNCIAS

BYRON, Lord. *The poetical works of Lord Byron*. The only complete and copyright text in one volume edited, with a memoir, by Ernest Hartley Coleridge. London : John Murray, 1905.

DEMBLON. Celestin. *Lord Rutland est Shakespeare: le plus grand des mystères dévoilé*. Shaxper de Stratford hors cause. Paris: Paul Ferdinand, 1913.

²³ [BNP/E3-144x-74]

DOWDEN, Edward. *The life of Percy Bysshe Shelley*. London: Regan Pad, French, Trubner, 1896.

FITZGERALD, William Thomas; WORDSWORTH, William; BYRON, Lord. *Rejected addresses or the new teatrum poetarum*. London: George Routledge & Sons, 1894.

MILTON, John. *The poetical works of John Milton*. A new edition, carefully revised from the text of Thomas Newton, D. D. With illustrations by William Harvey. London: George Routledge and Sons, s.d.

PESSOA, Fernando. Tábua bibliográfica. *Presença*, nº 17, p. 10, 1928.

PESSOA, Fernando. *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. n. 2. ed. Lisboa: Ática, 1966.

PESSOA, Fernando. *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues*. Introdução de Joel Serrão. 3.^a ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

PESSOA, Fernando. *Pessoa inédito*. Orientação, coordenação e prefácio de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.

PESSOA, Fernando. *The Transformation Book or Book of Tasks*. Edition, Notes and Introduction by Nuno Ribeiro and Cláudia Souza. New York: Contra Mundum Press, 2014.

SÉCHÉ, Alphonse. *Lord Byron*. Traduction de Benjamin Laroch Choix, notice biographique et bibliographique par Alphonse Séché. Louis-Michaud Éditeur [1907?].

SHAKESPEARE, William. *The tempest*. London/Paris: Cassel & Co Ltd, 1908.

SHAKESPEARE, William. *The tempest*. Cambridge: Cambridge University Press, 1921.

SHAKESPEARE, William. *The complete works of William Shakespeare*. Oxford: Clarendon Press, s/d.

SHELLEY, Percy Bysshe. *The complete poetical works of Shelley*. Including materials never before printed in any edition of the poems. Edited with textual notes by Thomas Hutchinson. Oxford Clarendon Press, 1904.

SOUZA, Cláudia; RIBEIRO, N. Charles Robert Anon & Alexander Search: Filosofia e Psiquiatria. *Revista Filosófica de Coimbra*, v. 21, p. 541-556, 2012.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CASTRO, Mariana Gray de. *Fernando Pessoa's modernity without frontiers: influences, dialogues and responses*. _____ (Org.). Woodbridge, UK: Tamesis, 2013.

LOURENÇO, Eduardo. *Poesia e metafísica: Camões, Antero, Pessoa*. Editora Gradiva, 2002.

MONTEIRO, George. *The presence of Pessoa: english, american, and southern African literary responses*. EUA, Kentucky University Press, 1998.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa alguém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego* por Bernardo Soares. Recolha e transcrição dos textos Maria Aliete Galhoz, Teresa Sobral Cunha. Prefácio e organização de Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1982.

PESSOA, Fernando. *Obra poética e em prosa*. QUADROS, António (Org.). vol. I, II e III. Porto: Lello & Irmãos Editores, 1986.

PESSOA, Fernando. *Fausto - tragédia subjectiva*. Texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha. Prefácio de Eduardo Lourenço. Lisboa: Presença, 1988.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego por Vicente Guedes e Bernardo Soares*. Vol. I e II. Organização e notas de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

PESSOA, Fernando. *Textos filosóficos*. Edição de António Pina Coelho. Vol. I e II. Lisboa: Edições Ática, 1994.

PESSOA, Fernando. *Génio e loucura*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2007a.

PESSOA, Fernando. *Poesia dos outros eus*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007b.

PESSOA, Fernando. *Prosa íntima e de autoconhecimento*. Edição de Richard Zenith, Lisboa, Assírio e Alvim, 2007c.

PESSOA, Fernando. *Prosa publicada em vida*. Edição de Richard Zenith, Lisboa, Assírio e Alvim, 2007d.

PESSOA, Fernando. *Livro do desasocego*. [sic] Edição de Jerónimo Pizarro. Tomos I e II. Lisboa: INCM, 2010a.

PESSOA, Fernando. *O marinheiro*. Edição de Cláudia Souza. Lisboa: Ática, 2010b.

PESSOA, Fernando. *A tormenta, de William Shakespeare*. Edição e introdução de Mariana Gray de Castro. Lisboa: Guimarães, 2013.

SOUZA, Cláudia. *Ciências do psiquismo humano, política e criação literária no espólio de Fernando Pessoa (1905-1914)*. 2011. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SOUZA, Cláudia. Inconsciente e arte: um ponto de encontro entre Fernando Pessoa e Freud. Organizadora Isabel Gil e Adriana Martins. In: *A Cultura Portuguesa no Divã*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011b. p. 113-123.

SOUZA, Cláudia. Vicente Guedes e Bernardo Soares: para além do desasosiego. *Revista Cultura ENTRE Culturas*. Lisboa, p. 186-191, 2011.

SOUZA, Cláudia. A estética do desassossego: Fernando Pessoa e o romantismo alemão. In: Osmar Pereira Oliva (Org.). *Literatura, Vazio e Danação*. Montes Claros: Editora da Unimontes, 2013. p.101-111.

Recebido em: 07/02/14

Aceite em: 09/04/14